

O TEMPO DO LUTO NA PANDEMIA

I INÊS CAROLINA BENEVIDES DE CASTRO BARBOSA ¹ E KEILA TARGINO NASCIMENTO ²

RESUMO

A ausência dos rituais de despedida é um obstáculo forte para elaboração do luto, pois a morte pede encerramento. Entre os desdobramentos desse impasse encontra-se o luto patológico, o qual pode conduzir o sujeito, diante de sofrimento intenso, à produção de sintomas melancólicos. O objetivo desse trabalho consiste em registrar uma tentativa de aproximação, por meio da psicanálise, das dificuldades em elaborar o luto vivido por aqueles que perderam entes queridos na pandemia. Tal aproximação utiliza textos de Sigmund Freud e de autores pós-freudianos, como Janine Puget, que escreve sobre os fenômenos do mundo superposto, refletindo sobre a experiência vivida no luto, quando esse atravessamento entrelaça analisando e analista.

Palavras-chave: luto, melancolia, morte, mundo superposto, trauma.

ABSTRACT

The absence of farewell rituals is a strong obstacle to mourning because death requires a closing. As one of the consequences of this impasse, there is a pathological mourning that may conduct someone, due to strong suffering, to the production of melancholic symptoms. This paper has as its goal to register an approximation trial, using psychoanalysis as a means, of the difficulties in mourning experienced by those who lost their loved ones during the pandemic. This approximation uses the work of Sigmund Freud and pos-Freudian authors, such as Janine Puget, who discusses the phenomenon of overlapping world that may be experienced when both the analysand and the analyst are living the same life circumstance, such as mourning.

Keywords: mourning, melancholy, death, overlapping world, trauma.

1 Psicóloga. Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR). Psicoterapeuta psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza (EPPF). Administradora.

2 Psicóloga. Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR). Psicoterapeuta psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza (EPPF).

INTRODUÇÃO

Quando nos dedicamos a pesquisar sobre um determinado conteúdo em psicanálise, acreditamos ser motivados, primordialmente, por situações que nos atravessam. Este artigo nasce de inquietações vividas por nós nesses tempos de pandemia, quando nos sentimos mobilizadas a falar e pensar sobre os nossos lutos e os de nossos analisandos, que de forma simultânea sofreram com seus traumas, medos da doença, da morte e do desamparo do não saber.

Neste artigo, propomos estudar o tempo do luto em sua singularidade. Buscamos, a partir de Freud (2006a), em seu texto *Luto e melancolia*, e de autores pós-freudianos, fazer um enlace entre os tempos vividos no luto, quando esse atravessamento se deu tanto para o analisando, quanto para o analista. O trabalho do luto, de acordo com Freud, é um teste de realidade. É preciso tempo para que a administração desse teste seja realizada e, quando tal trabalho for concluído, o ego terá conseguido libertar sua libido do objeto perdido.

Fomos surpreendidos por acontecimentos que, pela magnitude de seu impacto emocional, marcaram nosso corpo, nossa mente, nossas vidas. As consequências da pandemia não ficarão apenas nas sequelas do corpo, mas deixarão rastros profundos na saúde mental. Imersos em um mundo de incertezas, assistimos partir de maneira assustadora tanto pessoas próximas como aquelas a quem não conhecíamos.

A mente do analista contribui de forma essencial para o processo de análise, guardando em si todas as características do enquadre e uma disposição em se oferecer como escuta e pensamentos. Cuidar do outro exige do analista um cuidado de si mesmo, para que possa estar inteiro nesse processo. No entanto, nesse momento em que nossos lutos e os dos analisandos se unem, nos interrogamos sobre o que é produzido nesse encontro. Trata-se, de acordo com Puget (2020), de traumas compartilhados ou superpostos onde se perde uma condição de distanciamento. E, talvez, isso seja muito mobilizador em nossa clínica, quando vivemos essa similitude com nossos analisandos, como se faz presente no momento atual de pandemia, no qual estamos todos submetidos a esse evento tão penoso de ser vivido.

O LUTO E A MELANCOLIA

O processo de luto é instalado para a elaboração de uma perda, consistindo no desligamento da libido de cada uma das lembranças e expectativas relacionadas ao objeto perdido, por isso, é considerado um procedimento lento e penoso. Com base na teoria freudiana, podemos pensar sobre o luto como um processo que tem um início e um desfecho relacionados à integração do objeto perdido no Eu. Quando esse processo não se dá de forma satisfatória, ou seja, quando é interrompido ou não iniciado, ou quando o Eu se identifica com o objeto perdido, pode ocorrer um transtorno patológico em que se desenvolvem certos tipos de depressão ou melancolia.

Perdemos as certezas que nos norteavam e os parâmetros que sustentavam nossa segurança. Enquanto seres humanos e psicanalistas, nos deparamos com novos cenários, situações que tomaram o primeiro plano e se tornaram elas mesmas protagonistas do nosso pensar e fazer. Frente a essas ameaças reais, em que a vida e a morte estão em jogo, há que se tomar atitudes concretas buscando a proteção do indivíduo (Montagna, 2019).

O luto, para Freud (2006a), é a reação à perda de alguém querido, ou alguma abstração que ocupou esse lugar especial, como um país ou o ideal de alguém, por exemplo. O luto é uma reação normal, não patológica, superado após um espaço de tempo. O trabalho do luto consiste em um desinvestimento da libido dispensada ao objeto. Esse trabalho é doloroso e acontece pouco a pouco, de modo que cada lembrança e expectativa isolada vinculadas ao objeto são evocadas e hipercatexizadas para, em seguida, haver um desligamento da libido a cada uma delas.

A libido no luto volta para o ego, permitindo esse desligamento e deixando o ego livre novamente para fazer novos investimentos. Ao recordar o objeto e a expectativa da libido evocada pelo mesmo, a consciência da realidade traz a informação de que o objeto não mais existe. Desse modo, o Eu entende que precisa romper a ligação com o objeto amado, como uma forma de saúde psíquica.

Sobre o processo melancólico, compreende-se que pode haver uma perda real

do objeto amado, mas prevalece uma perda de natureza mais ideal, não que necessariamente o objeto tenha morrido, mas pode ter sido perdido como objeto de amor. Nesse sentido, não se pode ver nitidamente o que foi perdido, pois se sabe quem perdeu, mas não o que perdeu nessa pessoa. Na melancolia, há uma perturbação intensa da autoestima, um empobrecimento do ego, diferente do luto, em que o mundo é que se torna pobre e vazio, e não há interferência na autoestima. Há, nesses casos, um desânimo profundo, perda do interesse pelo mundo externo e da capacidade de amar, inibição de toda atividade, autorrecreinação e uma expectativa delirante de punição.

O TRAUMA PRECOCE

A pandemia é mundial, mas o trauma do sujeito é individual e singular. Nunca havíamos vivido uma experiência dessa magnitude de forma simultânea. Para muitos, o luto na pandemia tornou-se traumático, um luto que não se processa, que ultrapassa a capacidade de elaborar, de aceitar a morte, podendo se transformar em uma melancolia.

Para Melanie Klein (1940), a habilidade de entrar em luto e se recuperar depende da solução da posição depressiva da infância. Para a autora, a perda do objeto externo provoca uma sensação inconsciente de também ter perdido o objeto bom interno, dando uma intensidade maior ao processo do luto. São despertadas ansiedades arcaicas de caráter persecutório e depressivo, comuns à posição depressiva infantil.

Klein (1940), em seu artigo *O luto e suas relações com os estados maníacos depressivos*, diz que o bebê entra em processo de luto a partir do seio da mãe e de tudo que ele representa: o amor, a bondade, a segurança. Aflições que dizem respeito às questões edípicas surgem quando o bebê sente como se perder tudo isso estivesse relacionado às suas fantasias incontroláveis e impulsos destrutivos dirigidos ao seio materno. Nesse sentido, podemos então pensar que aqueles que perderam seus entes queridos podem ter entrado em contato com fantasias arcaicas, de sentimentos de culpa infantis. O indivíduo, de acordo com a autora, reincorpora a pessoa que perdeu e reinstala os objetos bons internalizados (em

última análise, os pais) que fazem parte do seu mundo interno desde a sua tenra idade. Nesse sentido, sempre que se passa pela morte de alguém, retorna ao sujeito a impressão que esses pais também foram destruídos, e sentimentos de culpa e perda são reativados.

Roussillon (citado por Rache & Tanis, 2017) pontua que a origem do sofrimento narciso identitário está relacionada a uma experiência traumática que não pode se integrar à subjetividade e, por essa razão, compromete a capacidade de quem a experimenta. A psique sofre uma decepção narcísica, o que remete ao que Freud (2006a) cita, em *Luto e melancolia*, como o objeto que decepciona. Isso leva a considerar que a questão central da melancolia não é a perda do objeto, mas a perda do sujeito que não consegue se encontrar apesar de se procurar.

Winnicott (1994) apresenta o modelo traumático em três tempos, no qual o bebê espera por um tempo x , depois um tempo $x + y$ (situação complicando) e depois o tempo $x + y + z$, numa situação de degradação, de catástrofe identitária como resposta ao ambiente. Assim, a clínica do traumatismo é pautada por experiências sem representações, o que evoca o termo do impasse. São situações em que a experiência do instante é vivida como uma eternidade.

O terror sem nome, expressão usada por Bion, é chamada por Roussillon de terror agônico, uma mistura de luta com o pavor, esse que congela, paralisa pelo medo. Quando alguém abandona o seu corpo, para onde vai? Quando se retira de si mesmo, para onde vai? É ali que o sujeito se perde porque não tem um lugar diferente para ir, diferente de si mesmo (Roussillon, citado por Rache & Tanis, 2017). A sombra do objeto cai sobre o ego, sobre o corpo, sobre o sujeito, e o expulsa de si mesmo. A disposição do sujeito em sentir esse corpo estranho que o ataca e que o sujeito ataca de volta é descrita pelo autor como núcleo da melancolia.

O VÍRUS, A ANGÚSTIA, O TEMOR DA MORTE

O trauma é aquilo que paralisa a mente de pensar. Todo o impacto da pandemia nos levou a conviver com situações inéditas em nossas vidas. Fomos apassivamos

diante do medo, diante de tudo, e a condição de sujeito ficou à mercê do isolamento.

Berenstein e Puget (1997) citam as dimensões individuais e coletivas do trauma através da psicanálise vincular, as chamadas vicissitudes do sistema psíquico, que é dotado por diferentes espaços: o intrapsíquico (que Freud chamou de pulsão, desejos, fantasias e sonhos); o intersubjetivo (o trauma precoce na relação com o objeto primário inadequado); e o transpsíquico (a dimensão social, cultural: a pandemia como pano de fundo que rompeu nos nossos consultórios).

André Green (1988), em *A mãe morta*, chama de “angústia branca” uma perda sofrida a nível narcísico, que dá origem ao vazio, ao buraco psíquico. Por ter ausência de representações, é um sofrimento que é invisível e silencioso. Para o autor, o envelope psíquico esvaziado se dá a partir da ausência sobre o fundo de presença, que é a questão do negativo. O trabalho do negativo atua por desligamento e pelo desinvestimento, ou função desobjetalizante. Um exemplo dessa função é a melancolia, que oposta ao luto, recusa o objeto, desqualifica e o dessingulariza (Green, 1990).

Freud (2010), em *Inibição, sintoma e angústia*, denominou de angústia sinal a antecipação psíquica do sujeito diante de um perigo iminente e a preparação das defesas psíquicas para transformar o invasor invisível em visível. Ainda no mesmo texto, ele cita a angústia real, o inesperado que causa uma surpresa, o acontecimento que rompe com a barreira do psiquismo e que dá origem ao trauma. O temor da morte iminente é o cerne dessa angústia real na pandemia.

Essa angústia real foi vivenciada por uma das autoras do presente artigo que, em março de 2020, ao constatar que estava com o vírus, sentiu muito medo e numa noite escura, escreveu:

De repente o seu tocar pode matar, o corpo virou uma arma letal, é o estranho que se apresenta numa sensação de secura, de ausência de fluidos, algo ardente que te rouba o cheiro e o sabor. O vírus está em mim, o vírus sou eu. A aridez de um estado de não-eu leva a um buraco vazio, como na melancolia, no qual não se sabe o que de seu foi perdido ali. Sentimentos como a culpa e o medo invadem o pensar com cada pessoa infectada, com

cada morte anunciada. Busca-se respirar, falta o ar do ânimo, o ar da alegria.

Um evento traumático quebra o fluxo da organização psíquica e também familiar, pois, ao afetar o contexto como um todo, propõe novas formas de apreensão subjetiva que buscam significar esse trauma. A memória e o esquecimento são as bases desses novos arranjos, sua combinação pode se dar no sentido de a família encarar o imprevisto com novas ações que façam frente ao impacto. Caso não consigam isso, há o risco de o grupo se desorganizar. Desse modo, o evento se inscreve como memória traumática, que, quando absorvido, é capaz de registrar, reter e repetir-se ao longo das gerações (Correa, 2000).

A transmissão transgeracional se organiza a partir do negativo, do que falta e falha, do que não adveio. Freud (2006b), em *Totem e Tabu*, assinala que nada do que tenha sido retido poderá permanecer completamente inacessível à geração seguinte, haverá marcas que continuarão ligando uma geração à outra. São traumas que se sustentam através dos pactos, dos segredos que encobrem a vergonha e a culpa, recorrentes nas histórias familiares, que ao não serem faladas, constituem os fantasmas que podem vir a assombrar.

É provável que as famílias tragam em sua bagagem alguma cicatriz dessa natureza, o que estará em jogo é a possibilidade de elaboração do luto. Portanto, encontramos na transmissão transgeracional de traumas a perpetuação de um luto não elaborado, cujo destino é o sepultamento secreto, como numa cripta, na qual as palavras não ditas, as cenas não lembradas, as dores não sentidas permanecem conservadas em estado bruto e disponíveis para a compulsão à repetição (Abraham & Torok, 1995).

O que vemos na situação da pandemia é que muitos jovens e crianças que não foram atingidos diretamente pelo vírus, mas indiretamente foram os que mais sofreram, pois são os que ficaram sem os pais e avós e são os que tentarão dar um nome a essa situação indizível de dor e sofrimento sem despedidas. Recordamos algo que foi veiculado sobre as orações das crianças que consideravam que não foram ouvidas, no relato de uma avó que ficou com os netos, pois a filha foi ao posto e não mais voltou. A comunicação já estava obstruída ali, quando essa família não obtinha notícias.

UM CORPO, UM CARRO, A MORTE PEDE ENCERRAMENTO

Ela relata:

A sensação de levar ao hospital um parente querido e simplesmente ficar na porta do local por não poder acompanhá-lo, além de ter que passar vinte quatro horas sem notícias, era algo desesperador. Se a angústia é o afeto por excelência, era essa flecha na alma que nos acompanhava dia e noite.

A ligação vinha do hospital na hora do almoço. A espera já dava um fastio. A vigília era tão intensa, pois, se não conseguisse atender à chamada do telefone por algum motivo, não tinha retorno, o número discado dava no serviço social do hospital, que não possuía autorização para transferir para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI). E assim foram 53 dias de notícias horribéis, que mencionavam agravamento, intubação, traqueostomia e múltiplas infecções, até chegar à última chamada, que disse: ele descansou.

Rapidamente tínhamos que resolver o sepultamento. Repito: rapidamente. Ao citar acima que ficamos apassivados diante dos acontecimentos, significa que não tínhamos palavras para dizer, era o indizível, o inominável, o irrepresentável.

Como pode? Não vamos poder ver? Tocar? Abraçar? Vestir com o paletó preferido que foi usado no casamento dos filhos? E as músicas? Não iríamos cantar e prestar as últimas homenagens? Tudo era solitário na tarde cinzenta, assim como o tango *Esta tarde gris*, de Julio Sosa, que ele cantava: “Vem, triste me dizias que essa solidão é a mais cruel das agonias. Vem, piedade tens da minha dor, que estou cansado de buscar, sofrer, esperar e falar sempre a sós com meu coração”.

O medo de estar sepultando a pessoa errada, o que já era noticiado na época, também passava na mente. Era uma dor que rasgava a alma, pois não tinha abraço, aconchego, colo. No dia da morte, a funerária contava com 14 corpos. Assim, a saída para o cemitério na hora marcada para o sepultamento foi dolorosa. Foi dito: “o carro funerário de vocês será o quarto a partir de agora”. Então era um corpo e agora um carro. Tudo era inédito e chocante, remetia a um estado de guerra. Olhava para os olhinhos assustados dos netos, era impactante.

Geralmente, a família se reúne depois do sepultamento para chorar junto, mas o maior aceno que houve foi pela janela do carro, numa tentativa de apaziguar a dor do outro.

A ausência dos rituais de despedida é um obstáculo forte para elaboração do luto, pois a morte pede encerramento. E os desdobramentos desses impasses levam a um luto patológico, o que pode levar o sujeito à produção de sintomas melancólicos diante do sofrimento em massa, o que nos remete agora ao título da famosa obra de Sartre, *Mortos sem sepultura*.

O TEMPO DO LUTO DO ANALISTA, O FENÔMENO DO MUNDO SUPERPOSTO

Santo Agostinho (1984), em *Confissões*, questiona como é possível apreender o agora se o tempo não para de passar. Fala-se do passado ou do futuro no presente? Para ele, o presente dos fatos passados é a memória; o presente dos fatos presentes é a visão; e o presente dos fatos futuros é a espera.

E o tempo do analista em elaborar seu próprio luto diante dessa apreensão do novo da pandemia?

Puget (2020) descreve o fenômeno do mundo superposto como um fantasma que ronda e amedronta a nossa realidade, inclusive na dificuldade de delimitar o campo analítico com material latente manifesto pelo analisando. O inédito se apresenta para além das emoções do conflito de transferência e pela dificuldade do analista de conter a contratransferência, por não haver tempo para resolver os próprios conflitos.

O lugar do analista quanto à temporalidade, o silêncio, a abstinência e o afastamento do mundo exterior, assim como a retirada da libido dos seus vínculos objetais, é capaz de promover novos laços com o analisando. O enquadre mental favorece a função analítica. Para o analisando, o material da sessão continua como objeto psicanalítico, ao passo que para o analista afetado com os fenômenos do mundo superposto, esse mesmo material é remetido aos seus próprios objetos extra analíticos, que o reconduzirá ao seu mundo interior. O analisando, ao trazer nomes e fatos conhecidos, às vezes, bem íntimos, reverbera no analista a

sintomatologia de mal-estar, angústia, repetição e pobreza ideativa, o que pode ocasionar transtorno de pensamento.

Existem notícias traumáticas que podem ser metabolizadas durante uma sessão. Ainda que não perturbem a função analítica, essas mesmas notícias, porém, repetidas por vários pacientes, produzem uma saturação emocional.

Puget (2020) ainda relata a síndrome da parede quebrada, na situação em que o analista passa por uma real circunstância dramática na sua vida pessoal e é inevitável que essa situação venha a domínio público. O que algumas vezes aparece como material da sessão, mesmo com o não dito do analista, pode se configurar numa situação limite. A síndrome da parede quebrada é uma experiência narcisista e traumática que desvela o secreto do analista e anula seu anonimato. Como se as paredes do consultório que deveriam estar íntegras para acolher o paciente estivessem com uma rachadura que ficasse evidente para o paciente, desvelasse o analista.

Depois de um ano do falecimento do pai, a autora atendendo um analisando, que é médico, escuta-o descrever minuciosamente uma UTI com pacientes intubados devido à Covid. Ela relata que ele falou da agonia desses pacientes, da dor dos familiares e da morte sem a companhia da família. Para ela, foi como retornar àquilo que estava aos poucos sendo sepultado, e se lembrou de Nana Caymmi, cantando em *Resposta ao tempo*: “Ele zomba do quanto eu chorei, porque sabe passar e eu não sei”. O que ela pôde oferecer nesse momento foi somente o seu silêncio.

VEJA BEM! PENSE POR ONDE COMEÇAR: UM CAMINHO OUTRO CAMINHO GERA

Freud (2006c), em *Sobre a transitoriedade*, escreve que o poeta não conseguia se alegrar com a beleza da natureza florida, por saber que todo aquele transbordar da vida chegaria ao fim com a proximidade do inverno. Ele escreve que o valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo, é a valorização da vida. Para ele, é incompreensível que a ideia da transitoriedade do belo deva perturbar a alegria que ele nos proporciona.

O passar do tempo remete às memórias de infância. O pai de uma das autoras

era professor de cálculo, e ela, diante das equações difíceis, corria para pedir sua ajuda para encontrar o x , a incógnita, o valor dela. A resposta era sempre a mesma: “veja bem, pense por onde começar”. Ela relata que ficava louca e por vezes até chorava, mas tinha que escolher um caminho. Muitas vezes ela voltava e perguntava a resposta. E ele como estímulo diante de sua insistência, respondia: “é essa, chegue”. A autora, ao conversar com uma amiga querida a respeito de estar escrevendo sobre essa experiência, recebeu dela a gentileza de lhe apresentar esse poema de Robert Frost (1916), que fala sobre o caminho não percorrido.

Num bosque em pleno outono, a estrada bifurcou-se,
mas sendo um só, só um caminho eu tomaria.
Assim, por um tempo eu ali me detive,
e um deles, observei até um longe declive
no qual, dobrando, desaparecia...

Porém tomei o outro, igualmente viável,
e tendo mesmo um atrativo especial,
pois mais ramos possuía, e talvez mais capim,
embora, quanto a isso, o caminhar, no fim,
os tivesse marcado por igual.

E ambos, nessa manhã, jaziam recobertos
de folhas, que nenhum pisar enegrecera.
O primeiro deixei, oh, para um outro dia!
E, intuindo que um caminho outro caminho gera,
duvidei se algum dia eu voltaria.

Isto eu hei de contar mais tarde, num suspiro,
Nalgum tempo ou lugar desta jornada extensa:
O caminho divergiu naquele bosque – e eu
segui pelo que mais invio me pareceu,
e foi o que fez toda a diferença.

Um caminho, outro caminho gera. Escrever este trabalho foi um caminho para recordar, repetir e tentar elaborar o que foi vivido na pandemia e que ainda reverbera no nosso pensar. Existe uma música, popularmente conhecida na voz de Frank Sinatra, que fala do caminho: *My way*. Sim! Esse foi o nosso jeito de nos aproximar do luto, falando dele.

REFERÊNCIAS

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Agostinho, A. (Santo Agostinho). (1984). *Confissões*. São Paulo: Paulus.
- Berenstein, I., & Puget, J. (1997). *Lo vincular: clínica y técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Correa, O. B. R. (2000). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (2006a). Luto e melancolia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol. XIV. Obra publicada originalmente em 1917.
- Freud, S. (2006b). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XIV. (Obra originalmente publicada em 1913-1914)
- Freud, S. (2006c). Sobre a transitoriedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XIV. (Obra originalmente publicada em 1915)
- Freud, S. (2010). *Inibição, sintoma e angústia*. São Paulo: Companhia das Letras. Obra originalmente publicada em 1926-1929.
- Green, A. (1988). A mãe morta. In *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1940). *O luto e suas relações com os estados maníacos depressivos*. In: _____. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Obras Completas de Melanie Klein. Vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Montagna, P. (2019). *Alma migrante*. São Paulo: Blucher.
- Puget, J. (2020). *O fenômeno do mundo superposto revisitado*. Apresentado na reunião online promovida pela comissão científica de casal e Família da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).
- Rache, E., & Tanis, B. (Orgs.). (2017). *Roussillon na América Latina*. São Paulo: Blucher.
- Winnicott, D. W. (1994). O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família. In D. Winnicott, R. Sheperd & M. Davis. *Explorações psicanalíticas*: D. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1963).